

Cartografias e políticas da narratividade na pesquisa em terapia ocupacional

Cartographies and politics of narrativity in occupational therapy research

Cartografías y políticas de la narratividad en la investigación en terapia ocupacional

Erika Alvarez Inforsato¹

Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima

Natália Machado Cunha

Nicole Guimarães Cordone

Juliana Haruko Tobara de França

Olívia Isshiki de Rezende

Kely Kanazawa

Resumo: O ethos da cartografia, aliado a uma política da narratividade mostra efetividade ao acompanhar processos nas diferentes circunstâncias de pesquisa em Terapia Ocupacional (TO), sob a necessidade intensificada de expressão do encontro com a prática. Apresentam-se aqui uma constelação de narrativas nascentes, com ecos de modos de existir e formas de agir presentes na atuação profissional de terapeutas ocupacionais em oficinas de teatro; no acompanhamento clínico de crianças; no acompanhamento do parto; na atenção em saúde mental na pandemia; e no atendimento de mulheres e o exercício da maternidade, que convocam o pensamento acadêmico em deslocamentos que podem fomentar outras perspectivas de formação e produção de políticas públicas para o cuidado.

Palavras-chave: Políticas de narratividade; Terapia ocupacional; Produção de subjetividade.

Abstract: The ethos of cartography, allied to a politics of narrativity, demonstrates its effectiveness in accompanying processes in different circumstances of research in Occupational Therapy (OT), given the increased need to express the encounter with practice. Here, we present a constellation of emerging narratives, reflecting the various ways of being and acting found in the professional work of occupational therapists in theatre workshops; in the clinical monitoring of children; in the monitoring of childbirth; in mental health care during the pandemic; and in the care of women and the exercise of motherhood, which invite academic reflection on shifts that can promote new perspectives on education and the development of public care policies.

Keywords: Politics of narrativity; Occupational therapy; Production of subjectivity.

Resumen: El ethos de la cartografía, aliado a una política de narratividad, muestra efectividad en el acompañamiento de procesos en diferentes circunstancias de la investigación en Terapia Ocupacional (TO), bajo la intensificada necesidad de expresión del encuentro con la práctica. Se presenta aquí una constelación de narrativas nacientes, con ecos de modos de existir y modos de actuar presentes en el trabajo profesional de terapeutas ocupacionales en talleres de teatro; en el acompañamiento clínico de niños; en el acompañamiento de partos; en la atención a la salud mental durante la pandemia; y en la atención a mujeres y el ejercicio de la maternidad, que convocan el pensamiento académico en desplazamientos que pueden propiciar otras perspectivas de formación y de producción de políticas públicas para el cuidado.

Palabras clave: Política de narratividad; Terapia ocupacional; Producción de subjetividad.

¹ Universidade de São Paulo (todas as autoras).

Cartografia, políticas da narrativa

[...] que fluxos são esses que se intrometem no meu corpo e me arrastam para esses abismos de sentido, revolvendo o chão firme em que acreditava pisar? De onde eles vêm? Que risco é esse que preciso aceitar?
Sequeira, 2010²

Encontrar procedimentos que favoreçam percursos para dar a ver e ouvir o necessário de uma pesquisa é um desafio permanente. Tomados nessa suspensão, são os andamentos de uma investigação que deixam rastros que, vistos ao revés, definem seus métodos. O ethos da Cartografia se mostra efetivo no acompanhamento desses processos, e colabora na constituição de territórios de produção de conhecimento a partir do tateamento das marcas deixadas ao seguir em direção ao que se quer pesquisar. E aqui, esses horizontes se apresentam em narrativas do acompanhamento clínico de crianças; na preparação e acompanhamento do parto; em oficinas de teatro; no acompanhamento de mulheres e o exercício da maternidade; na atenção em saúde mental na pandemia. Tramar esses encontros da prática profissional em formas de expressão da escrita acadêmica requer agenciamentos e invenções singulares, o que não dispensa a repetição de gestos já marcados em trilhas coincidentes, paralelas e transversais ao caminho que se percorre.

A consistência do material aqui disposto persegue o desejo de narrar, a partir de experimentações com a clínica, a saúde, as artes e a sensibilidade, e indicar travessias em cosmologias hiperdefinidas, hegemônicas, constrangedoras, e outras que delas escapam, produzem dissidências, deserções e as sustentam, “o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam se tornar capazes”, sem ansiar pelo apaziguamento, desviando-se do poder que requer “daquele que é divergente que se reconheça como uma expressão apenas particular do que constitui o ponto de convergência de todos” (Stengers, 2018, p. 447).

Cada uma das cenas decorre da persistência de terapeutas ocupacionais, com exercícios profissionais mais ou menos híbridos, em dar forma a suas vivências e torná-las compartilháveis em pesquisas desenvolvidas num programa de pós-graduação³. A compreensão da inscrição dessas pesquisas no âmbito da produção de conhecimento da Terapia Ocupacional (TO) exige

² SEQUEIRA, R. P. **Rumores discretos da subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

³ Os elementos narrativos e analíticos apresentados neste texto são fruto de pesquisas em andamento, a serem apresentadas na forma de dissertação ao Programa Mestrado Profissional Terapia Ocupacional e os Processos de Inclusão Social da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – MPTO-FMUSP.

um posicionamento político que corrobora as afirmações de Cardinali e Silva (2020), de que a TO está “implicada na produção de vida e na ampliação da potência da atividade humana de sujeitos-coletivos complexos” (p. 12), unindo sensibilidade e crítica, e um compromisso ético-estético-político, suas produções conjuntas de cuidado, o reconhecimento e validação de experiências e saberes-fazer, “caminhos com sentidos partilhados em práticas-processos em aberto” (p. 12).

Sem negligenciar as dimensões problemáticas da modalidade de pós-graduação “profissional”, em sua inscrição no movimento de profissionalização das universidades, é importante reconhecer que sua existência permite acolher e fortalecer campos de conhecimento com vinculações estreitas com a atuação direta com as populações, instituições e elementos de manejo técnico e tecnológico que podem ser potencializados nesse formato de programa. No âmbito da TO, isso se acentua, uma vez que o próprio campo motiva discussões relacionando e colocando em disputa as noções de técnica, tecnologia e ciência, para delimitar o que nele predomina e que melhor o identificaria. Diante dos dissensos dessa tentativa depreendem-se aberturas que favorecem construções críticas, e contra hegemônicas, para que a produção de conhecimento em TO se faça em interlocuções acadêmicas e científicas, incorporando experiências práticas singulares, da atuação de diferentes profissionais, entretecidas com referências e perspectivas transdisciplinares advindas da Saúde Coletiva, das Artes, da Filosofia, das Ciências Humanas e Sociais, dos Estudos Culturais e Tecnológicos entre outros que continuamente emergem e se inventam. Essa produção se dá a partir do “movimento da problematização” indicado por Sandra Galheigo (2023) como “um recurso metodológico importante para elaborações teóricas e práticas de caráter crítico na terapia ocupacional brasileira” (p. 3), o que tem sido exercitado no formato mestrado profissional.

De modo mais específico, os estudos vinculados ao grupo de pesquisa Produção de Subjetividade, Arte, Corpo e Terapia Ocupacional (PACTO-USP) - orientam-se a tramar exercícios com a clínica, questionando as noções de cuidado e criação presentes em encontros destacados, na forma de narrativas. Para a construção desse escrito, foram acionadas pesquisas em andamento, constituindo uma paisagem heterogênea, por onde deslizam posições éticas e estéticas na circunscrição do olhar, dos discursos e das intervenções, considerando que “toda produção de conhecimento, [...] se dá a partir de uma tomada de posição que nos implica politicamente” (Passos; Barros, 2009, p. 150). Essa implicação será brevemente analisada, indicando movimentos formativos e contribuições para a relação pesquisa e vida.

O encadeamento das cenas e as fabulações que se agenciam compõem uma bricolagem, uma justaposição de elementos que explicitam o plano sensível e cognitivo em que as experiências de passagem entre a atuação profissional e a escrita se delineiam nas diferentes pesquisas. O conjunto sustenta convergências e disparates, em espirais que desafiam os estereótipos que insistem em dominar a língua.

Seguem assim, escritas narrativas em pequenos pulsos, imagens e pensamentos buscando consistência e logo dissolvendo-se no rastro de uma sensibilidade à estranheza de encontros que se mostram furtivamente, nas situações, suas gentes, suas intervenções. Se houver contribuições, elas repousam na tentativa de “habitar um campo problemático que se constitui entre a pesquisa, o pensamento, a linguagem e a vida” (Lima, Machado, Inforsato, 2022, p. 8), a partir de uma posição política, melhor ainda se cosmopolítica, na acepção de Isabelle Stengers (2018), de “entrada na política das questões de saberes ditos positivos ou das práticas relacionadas às “coisas” (p. 443).

O encontro que põe o corpo em movimento⁴

Tem vezes que ela chega na oficina “simples”, “meio assim, pensativa” ou “distráida”. Aquele dia ela chegou “sem coragem”, mas se manteve ali, respirando de olhos abertos, mesmo com a indicação de fechá-los, respirando; imitando gestos e transformando-os em dança, num corpo que costuma se mover lento e quando solta a voz, o faz em tonalidade baixa, quase inaudível. Um corpo que, em casa, costuma passar boa parte do tempo deitado junto à mãe deprimida. Ela foi exprimindo intenções e afetos ao pronunciar vogais, e, enfim, respondeu “mas eu não quero”, para a afirmação “eu sei o que é melhor pra você!”⁵

Tentativas de uma clínica da Terapia Ocupacional em interface com as artes que deriva na direção da produção de vida e se desdobra em propostas que apostam em lugares de experimentação. Não esperando nenhum resultado a priori ou com um objetivo específico, busca sustentar um espaço de estar junto para se sentir vivo, se mexer, explorar variações: de movimentos, ideias, fazeres, tentativas de inventar outras possibilidades de ser e estar. Produzir sentido sem precisar ser útil.

⁴ Trecho elaborado a partir de elementos do relatório de pesquisa para dissertação de mestrado “Confluências do Teatro do Oprimido e da Terapia Ocupacional - cartografia de uma trajetória” de Nicole Guimarães Cordone.

⁵ Esses fragmentos mencionados, referem-se aos jogos teatrais: Como estou chegando com movimento e ritmo Cinco gestos com dança (Fernandes; Garcia, 2021, p. 68); Quantos Às (Fernandes; Garcia, 2021, p. 100); e Eu sei o que é melhor pra você! - mas eu não quero (Fernandes; Garcia, 2021, p. 103).

Desenvolver a escrita narrativa, especialmente no âmbito da produção acadêmica, é desafiador. Pesquisar o cotidiano da atuação profissional, acompanhando os processos a partir do método da cartografia, convoca multiplicidades para abordar os acontecimentos, levando em conta as ressonâncias da experiência no corpo de quem narra, implicado com o que se passou, escapando à retidão comunicativa.

Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. Cada manhã recebemos histórias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações [...] quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações (Benjamin, 1987, p. 203).

A política da narratividade proposta no plano cartográfico, em contraste à redundância da sobrecodificação e do clichê, orienta para uma “desmontagem”, a partir de três movimentos: aumento do coeficiente de desterritorialização, o plano político como zona de indiscernibilidade, e o vivido como agenciamento coletivo de enunciação (Passos; Barros, 2009). Eles caracterizam o procedimento narrativo, que convida a flutuar a atenção sobre os elementos que surpreenderam, destacados sem se deter em transmitir informações, produzir explicações, acionar causalidades, respostas definitivas e/ou generalizações. Concentrar-se nas sutilezas das variações na percepção do que eclode, inquieta e encanta nas cenas vivenciadas. E então, elaborar narrativas e tramar uma experiência com o vivido e seus interlocutores, desmanchando os trajetos imediatos do bom senso, para deixar emergir a poesia, a vocalização da palavra antes de ser língua, como uma língua menor.

Uma narrativa dos pensamentos, um percurso⁶

A pandemia veio para colocar os desafios todos ao mesmo tempo.

Eu queria mesmo era ir para minha casa e ficar lá até tudo isso passar. escondida. cuidar dos outros? nesse caos? não queria não.

Todo dia vou para o CAPS⁷. a gente vai para inventar como trabalhar.

⁶ Trecho elaborado a partir de elementos de relatório de pesquisa para dissertação “Vidas Dignas de Cuidado: diálogos entre a Ética do encontro e a Arte de existir - reflexões a partir da Terapia Ocupacional em Saúde Mental” de Kely Kanazawa.

⁷ O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) atende pessoas com transtornos mentais graves e persistentes e/ou com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas. (Ministério da Saúde - Portaria Nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011)

A vida humana é muito frágil: com um vírus microscópico pode acabar.

Será que os usuários estão bem? Será que estão realizando as rotinas de higiene de forma adequada? e as pessoas em situação de rua? como será que estão? nem banho dá para tomar todo dia, como vão lavar as mãos a todo momento?

Fazer mestrado nesse caos? estudar? não deveria estar estudando, pensando no cuidado dos outros quando eu não sei se vou morrer amanhã. não dá para pedir demissão.

Estou muito triste e com muito medo.

Três colegas estão afastados, com Covid. tô tossindo um pouco, será que faço o teste? Será que tem teste? vou fazer. fui afastada. depois de uma semana saiu o resultado: positivo. ainda bem que fiquei isolada. ainda bem que tive poucos sintomas.

Que presidente terrível, debochando mais uma vez das pessoas que morrem. eu sabia que seria ruim, mas não esperava que teríamos uma pandemia no meio desse mandato horroroso.

As mortes estão aumentando a cada dia, é assustador.

Estudar algumas coisas está me ajudando. parece que pensar sobre aspectos da ética e da vida ajudam a recolocar meus pés no caminho. afinal, se é para viver, que seja de forma boa, e se for para morrer, fazer o quê? é inevitável, talvez. se há que morrer, que a vida tenha sido aproveitada de uma forma boa. estética da existência. a vida como obra de arte.

Escrever do vivido, que é de si mesmo, e já ultrapassa o si mesmo. Escrever uma narrativa como parte do processo de pesquisa, para que pensamentos em turbilhão possam ter forma. Escrever da pandemia no mesmo momento em que se está vivendo com ela, e com a gravidade terrível imposta na vida e morte das pessoas. No processo cartográfico, as próprias coisas, do fundo de seu silêncio, se expressam: mudam os percursos, direcionam os caminhos, revelam o desejo de pesquisar, mostram-se à medida em que pensamentos pulsam. Não como algo sobrenatural, mas como um processo em que o caminho se apresenta e simultaneamente se produzem os sentidos. Por uma necessidade de pesquisar modos de compreender a experiência da pandemia, nesse caso, que atravessa inúmeras vidas, dar nomes e contornos ao vivido e sentido.

Para encontrar frestas por onde pensar a tensão política que compele à luta por outras condições para diferentes modos de existir, a composição com textos da filosofia não só fez ver o que é visível como fez significar o vivido. “Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É o liame do desejo à realidade (e não sua

fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária.” (Foucault, 2013, p. 106). O vínculo entre desejo e realidade, no rastro do pensamento de Foucault, foi o que tornou possível adentrar em uma trajetória com a ética e o cuidado diante de situações limite. Numa disposição de resistência, um movimento que alternava mais sofrimento com mais desejo por modos de pensar as existências, a relação entre vida e morte, maneiras de viver de forma significativa. Quanto mais conectada à realidade e não produzindo fugas do que convoca pensar, mais se encontravam saídas para esse labirinto. Escrever, nesse processo, é “agir na potência de indeterminação micropolítica, desejante, de maneira a fortalecer relações com o campo” (Lima; Machado; Inforsato, 2022, p. 8), prezar para que o pensamento e a prática política caminhem intensificando um ao outro, alimentando-se reciprocamente.

“Utilizem a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política” (Foucault, 2013, p. 106). E a política da narratividade, nesse sentido, compõe para o enfrentamento daquilo que insiste em enfraquecer a potência dos encontros, que aponta uma saída que não seja triste somente, e que permitiu pensar a vida enquanto uma obra de arte e o cuidado de si como prática da liberdade.

Habitar um campo sensível para o cuidado⁸

Falava em voz baixa e rápida, mas trazia falas com cautela recebendo o que eu dizia com prontidão e concordância. O seu interesse maior em estar ali era saber como evitar perder a guarda de seus filhos e filhas, que nós duas entendemos estar ameaçada lendo os três encaminhamentos do conselho tutelar para o CAPS AD que ela tirou de sua bolsa me entregando. Segurava seu filho caçula de 3 meses no colo e estava acompanhada por sua filha mais velha e seu filho do meio. Tinha os seus cabelos pretos, finos e lisos soltos na altura de seu ombro. Era magra e de altura média, tinha um rosto jovem com um olhar, ao mesmo tempo curioso e amedrontado. Em seus sorrisos breves e tímidos havia uma beleza intensa. Fui abrindo espaço para que ela contasse sua história de vida e sua narrativa foi permeada, desde de sua infância, por cenas de violência de diferentes ordens, negligências e precariedades que foram se reiterando e atualizando ao longo de seu viver. Quanto mais ouvia mais me impressionava com sua força, me assustava com tamanha violência e me questionava em

⁸ Trecho elaborado a partir de elementos de relatório de pesquisa para a dissertação “A construção cotidiana da maternidade: um exercício profissional em Terapia Ocupacional”, de Juliana Haruko Tobar de França.

relação a como conduzir seu cuidado. Eram tantas urgências. Seu companheiro e pai de seus filhos e filha, que era o único que aparecia em suas narrativas enquanto rede de apoio também a submetia a diversas formas de violência, afirmava que não podia contar com o apoio de sua mãe e irmão. Havia diversas violências que com certeza marcaram seu corpo, mas que eram só citadas como algo passado. Fora outras coisas que não entraram em seus relatos que estavam ocupados em maior parte pela angústia na possibilidade de não poder estar com seus filhos e filha.

Como contar histórias de vida? Como elas são contadas e quem as conta? O que escolhemos dar visibilidade e o que ocultamos? Quais escutas essas histórias vão encontrar? São muitas dimensões de implicação. Escrever, então, como um exercício com as vidas e suas histórias, sem pretender corresponder a elas, não porque não se queira, mas por reconhecer que a narrativa é alheia a essa possibilidade, ela não tem esse poder. O vivido é no máximo evocado por ela. A partir da disposição sensível, de escuta, de presença do corpo, de reativação de uma memória que é inventada para que uma outra experiência possa se fazer, de modo a guardar do vivido sua intensidade, a radicalidade do sentido corporificado. “Exercícios para abrir espaço para que afetos possam se dizer e para escavar, no cotidiano do trabalho e da vida, acontecimentos que insistem em germinar. A escrita é ato em um campo de forças” (Lima; Machado; Inforsato, 2022, p. 5).

Descrever uma cena, para pensar as formas de narrar uma história que pode ser contada naquilo que lhe falta, no que lhe foi negado por suas precariedades e, muitas vezes vendo predominar a angústia pela falta de condições enunciadas em formulações prontas, que antecedem o acontecimento, clichês grudados numa discursividade complacente, enaltecida da escassez, e sem perspectivas com relação a quais caminhos seguir.

Outros movimentos podem ser buscados, percebendo linhas de implicação, acompanhando processos à espreita de algo que pode se afirmar, buscando chão firme para ancorar possibilidades, algo que restaure a capacidade de ação diante de tantas vulnerabilidades. Contudo, é preciso estar em movimento, observando com atenção, pois, em situações muito precárias, as afirmações são raras e podem passar despercebidas. Algo entre a superfície e as profundezas: o cosmos. Para Stengers (2018), o cosmos está na figura conceitual daquele “que sempre desacelera os outros, que resiste à maneira como a situação é apresentada, cujas urgências mobilizam o pensamento ou a ação. E resiste não porque a apresentação seja falsa, não porque as urgências sejam mentirosas, mas porque “há algo de mais importante” (p. 444).

Dispor uma história, num pequeno pulso de escrita, parece corresponder a esse suspiro cósmico, diante do horror e da resistência, sem temor ou espetáculo.

Como nomear esse gesto?⁹

Num Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPS ij) e num Ambulatório de Saúde Mental infantojuvenil circulavam ditos sobre a estereotipia, tais como “é um sintoma do autismo” e “não podemos incentivar ou imitar os movimentos estereotipados das crianças”. Os ditos eram acompanhados de entendimentos categóricos a respeito das crianças. Tudo aparentemente entendido e facilmente identificável, porém, acompanhado de uma estranheza quando se apresentava em ato diante da equipe. Um dia observei uma criança em sua primeira participação num grupo. Ela ficou num canto da sala junto com a mãe, acompanhando a movimentação do grupo. Multiplicados pelo reflexo de um grande espelho, estavam na sala outras quatro crianças e seus responsáveis, três terapeutas, muitos brinquedos, uma mesa, algumas cadeiras, um ventilador, uma pia e uma certa aceleração ansiosa pela chegada dos novos participantes e dos novos terapeutas-aprimorandos. Estávamos à mercê dos acontecimentos, procurando uns aos outros na intenção de fazer funcionar aquele grupo terapêutico. Nessa movimentação, abordamos algumas vezes aquela criança que recusou outras interações para além da que já havia estabelecido conosco. Ela entrou na agitação do ambiente e com uma expressão de desespero, começou a se balançar para frente e para trás como quem buscava um acalanto num ambiente que parecia excessivo.

Escrita a partir de acontecimentos no corpo-terapeuta-pesquisadora a narrativa compõe um modo de pesquisar sintonizado às experiências desse corpo. Um movimento, que é diferente de fazer encaixar um pensamento numa prática, e mais próximo de um percurso, no qual cenas, leituras, conceitos, afetos e experiências constroem um território singular. Pesquisar caminhando e colhendo elementos heterogêneos, pois “o que se visa acompanhar e fazer aparecer é aquilo que incita o pensar e não o pensamento já dado” (Lima; Aragon, 2010, p. 144), que reitera o já pensado e não produz variação nas questões a serem pesquisadas.

Os encontros na clínica atravessam os corpos e produzem acontecimentos inéditos que jogam para um sem sentido, um desconhecido e pedem por uma recuperação e criação de

⁹ Trecho elaborado a partir de elementos de relatório de pesquisa para a dissertação “Tramas dos encontros entre terapeutas ocupacionais e crianças” de Olívia Isshiki de Rezende.

sentido (Lima; Aragon, 2010). Nesse pesquisar, revisitam-se encontros com a escrita de narrativas e compõe-se um território de pesquisa, de clínica e de vida. Cria-se forma e sentido novos, mesmo que provisórios, o que demanda tempos alargados, de contemplação. É uma forma artesanal de enunciação, em que os narradores artesãos vão lapidando, talhando, polindo, pintando sobrepondo finas camadas em sucessão. Atividade que exige um tempo ainda não preenchido por tarefas, um tempo de contemplação, para poder ficar com o que aconteceu e se demorar com os efeitos no corpo. E a partir de uma rede de histórias, encontrar formas, palavras e imagens mais afinadas com a experiência; numa linguagem própria.

Para ver até que ponto ainda somos capazes de nos falarmos, de colocar em comum o que pensamos ou que nos faz pensar, de elaborar com outros o sentido ou a ausência de sentido do que acontece, de tratar de dizer o que ainda não sabemos dizer e de tratar de escutar o que ainda não compreendemos. Necessitamos de uma língua para a conversação como um modo de resistir ao nivelamento da linguagem (Larrosa, 2021, p. 71).

Ao tecer com o vivido, e ainda não assimilado, por vezes sem nomeações possíveis, a narrativa trama o corpo no acontecimento, o acontecimento no mundo, o mundo na história, e a história no corpo, em muitas camadas que incidem numa acoplagem corpo-acontecimento, sem ter necessariamente pontos de partida identificáveis que trariam uma explicação, uma suposta causalidade ao vivido, que impediria a própria narrativa. A explicação é o imperativo linguageiro, que produz toda uma gramática, uma linguagem para descrever e inscrever, por exemplo, problemas que se fazem ver na figura de crianças com diagnósticos psiquiátricos que tem inscrito em sua subjetividade toda uma nosografia que implica formas dos outros se relacionarem com ela e dela se compreender e estar no mundo. Para resistir a isso, a escrita se orienta a um proceder a partir da experiência, da ferida aberta no acontecimento, numa antropofagia, num movimento de ingestão, digestão e secreção. Como no pensamento de Regina Favre (2021), esse movimento convoca a criação de uma gramática para do corpo trazer palavras, criar sentidos e construir narrativas corporificadas e singulares.

Disposições e indisposições para o encontro¹⁰

Com muita dificuldade e muita ajuda ela saiu do carro, na admissão do hospital, fomos recepcionados com muita hostilidade. ela empurrava, com a voz, com o corpo, INEGAVELMENTE empurrava seu bebê.

mesmo durante as contrações era possível ouvir a voz do médico: hostil

um olhar desesperado me achou “acho que tá nascendo”

nossas cabeças coladas em cumplicidade

“se ele quer nascer - deixa nascer”

uma contração, uma força capaz de trazer um bebe de dentro pra fora. ela se agachou, agachei junto - sem luva, sem pudor, aparei aquele bebe metade nascendo metade nascido - ali na recepção do hospital. por um triz não no CHÃO do hospital.

um silêncio. éramos 8 pessoas na sala. alguém perguntou “pq não avisou que estava nascendo?”

Escrever para registrar o que os outros (o saber médico) apagam (nem ouvem) quando é dito; para reescrever as histórias mal escritas, mal contadas, mal ouvidas sobre as mulheres. Para criar intimidade. Para descobrir, preservar, construir, alcançar. Para contar o que acontece nas experiências que mesmo compartilhadas, são invisibilizadas.

Nenhum assunto é muito trivial.

Há potência no parir, há desobediência no nascer.

Para estar à altura de um acontecimento-nascimento a escrita devém do corpo, das vísceras e dos tecidos vivos. Escrever como quem nasce. Narrar o esquecido.

Nascer significa esquecer o que já fomos antes. Esquecer que o outro continua a viver em nós. Nós já o éramos, mas de outro jeito: o nascimento não é um começo absoluto. Já havia alguma coisa antes de nós, já éramos alguma coisa

¹⁰ Trecho elaborado a partir de elementos de relatório de pesquisa para dissertação “Arranjo do parto: território de acontecimento e agenciamento dos corpos femininos em reconfigurações da subjetividade” de Natália Machado Cunha.

antes de nascermos, já havia eu antes de mim. O nascimento é apenas isso, a impossibilidade de estar fora de uma relação de continuidade entre o nosso eu e o eu dos outros, entre a vida humana e a vida não humana, entre a vida e a matéria do mundo (Coccia, 2020, p. 24).

Quem se atreve a tornar-se escritora enquanto agacha amparando contrações, enquanto segura outra mulher? Quem se atreve a receber um bebê (que o médico mal viu nascer)?

Escrever parágrafos em pedaços de papel, formando um quebra cabeças no chão e na mão, a confusão da escrivantina e dos escritos no celular, protelando a conclusão e tomando a perfeição como justificativa para o impossível. Escrever como promessa, “sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência”, escrever pelo medo de escrever, e pelo “medo maior de não escrever” (Anzaldúa, 2000, p. 232), sem fugir ao compromisso com o que quer nascer.

Escrever, esquecer: conectar vida e pesquisa.

A ficção propriamente concebida, como toda ficção séria, por mais engraçada que seja, é uma maneira de tentar descrever o que de fato está acontecendo, o que as pessoas realmente fazem e sentem, como as pessoas se relacionam com todo o resto do vasto saco que é o mundo, esta imensa barriga que é o universo, este útero de coisas por vir, este imenso túmulo de coisas que foram, esta estória sem fim.

Ursula Le Guin, 2019 (tradução nossa.)¹¹

A constelação de narrativas aqui compreendidas se faz a partir de encontros fortuitos e compulsórios, na criação de um entrelugar comum. Fabulações, gestos, afirmação de modos de fazer, de existir, de fazer-existir. Memórias anotadas, reativadas em sobressaltos ou traumas, que reúnem seus rastros e contam de eventos, situações, imaginando futuros, em outro ponto, nesse grande “saco que é o mundo”, essa bolsa cósmica do que já foi e do que está vindo.

Apresentar esses exercícios narrativos, à despeito da dimensão prosaica e grave das circunstâncias que os convocaram, sustenta uma posição de delírio, que autoriza a emergência de concepções inauditas, com problemas difíceis da clínica, que não aparecem nem deixam de aparecer, feito luminescência de vagalume. Um movimento sem coragem, que demora a chegar; corpos expondo-se e se escondendo do risco da contaminação; uma pele marcada por violências

¹¹ Tradução livre do trecho: “Science fiction properly conceived, like all serious fiction, however funny, is a way of trying to describe what is in fact going on, what people actually do and feel, how people relate to everything else in this vast sack, this belly of the universe, this womb of things to be and tomb of things that were, this unending story”. Vem em: Ursula Le Guin. **The carrier bag theory of fiction**. Londres: Ignota books, 2019.

e desamparos sucessivos, impostos ao gênero e à condição social; gestos cercados por designações biomédicas antes de poderem vir ao mundo; existências mal recebidas desde o nascimento...

“As narrativas estão para as perspectivas críticas contemporâneas da terapia ocupacional assim como os testes e as medidas estão para as perspectivas técnico-científicas” (Galheigo, 2009, p. 9). Aqui, as narrativas piscam a urgência, atravessam elementos da atuação profissional e desafiam a escrita, no processo de um mestrado profissional indagando: Como fazer a pesquisa acompanhar esses fluxos de vida, em sua multiplicidade, preservando seu aparecimento singular? Como escrever e pesquisar acontecimentos, sem render-se a encaixá-los em formulações hegemônicas, na linguagem pronta que homogeneiza a vida?

No esforço de tornar visíveis lampejos de vidas invisibilizadas, amalgamadas à invisibilidade do próprio exercício profissional com elas, essas promessas de fábulas compõem-se. Encontram-se palavras para dizer do que não pode ser dito. Transpõem-se frequências sensíveis para o texto e produz-se sentidos, em novas combinações para o viver, a partir de atos de escrita que fabricam uma língua menor (Deleuze; Guattari, 1977). Esquivam-se de linguagens prontas, feitas para serem repetidas e replicadas com a justificativa de fazer entender melhor, numa linguagem para todos que não é de ninguém (Larrosa, 2021). A tentativa de ser estrangeiras no mundo onde se fala a língua científico-técnica (pretensamente “neutra”) e a língua moralista, força a invenção de uma língua outra, engendrada na experiência, explorando os limites dos conceitos, dos pensamentos, das ações, do que é humano. Língua que delira, no sentido que propõe Tânia Rivera (2023), possibilidade “de caminhos desviantes, deslocamentos em relação a padrões já estabelecidos, [...] uma espécie de noção performativa ou metodológica que carregaria em si uma potência de subversão política e de defesa radical da singularidade, contra toda padronização autoritária e universalizante” (p. 43).

Dar a ver essas frestas de acontecimentos, sem pretender que sirvam à produzir mais protocolos ou tutoriais de sobrecodificação da vida, é fazer valer a delicadeza não utilitária dos encontros, deixando que eles nos conduzam, numa aproximação lenta e hesitante para a criação de um território de pensamento que se desaloja e se refaz.

Saídas dos ambientes de atividade profissional, as terapeutas-pesquisadoras se revezam para a escrita na pós-graduação, fingindo poder sim. E nesse fingimento, vão surgindo notícias de contribuições valiosas, que parecem só se fazerem nessas condições de constrangimento e exigência do pensamento e da escrita.

A experiência e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. [...] escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo. (Larrosa, 2021, p. 5)

Mais do que narrar o vivido, a escrita nessas pesquisas vai se delineando também como uma forma de testemunho. Por pensar nas próprias experiências que vieram a partir dos encontros com pessoas e lugares de atuação da TO, as narrativas criadas têm uma pretensão documental que explora o que foi sentido e apreendido, num testemunho paradoxal: menos do que foi vivido, e mais do que do vivido não se pode reter, sustentando o desejo da escrita nessa impossibilidade de refazer o acontecimento: “Escrever para esquecer é ativar as marcas, deixá-las vibrar, mas produzir transformações nelas e com elas, para que não se fixem – pelo menos não como marcas imutáveis. Esquecer é um ato necessário para poder viver o presente” (Silva, 2018, p. 149).

Ao experimentar esse conjunto, numa disposição de ressonância procedimental com a produção de narrativas, aliam-se terapeutas-pesquisadoras, numa comunidade imprevista, empenhadas em contribuir para a construção de um legado acadêmico para a clínica da TO, e ao mesmo tempo compreendendo a disparidade dessa proposição ao reconhecer a impossibilidade da transmissão. E ainda assim, escrever. Com a satisfação de oferecer suspiros, lampejos, luminescências... e alimentar o útero para o que está por vir.

Referências

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], Trad. É. Marco, v. 8, n. 1, p. 229, 2000.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. S. P. Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

CARDINALI, I.; SILVA, C. R. Atividades humanas na terapia ocupacional: construção e compromisso. **Cad. Bras. Terapia Ocupacional**, v. 29, p. e2880, 2021. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2880>. Acesso em: 05 fev. 2025.

COCCIA, E. **Metamorfoses**. Trad. M. Deschamps e V. Mouawad. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Trad. P. P. Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Trad. J. C. Guimarães). São Paulo: Imago, 1977.

FAVRE, R. Do corpo ao livro. São Paulo: Summus, 2021.

FOUCAULT, M. Prefácio (Anti-Édipo). *In*: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**, vol. VI: repensar a política. Trad. A. L. Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2010, p. 103-106.

GALHEIGO, S. M. Problematização de saberes e práticas na terapia ocupacional brasileira: a construção do pensamento crítico entre 1979 e 1996. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 33, n. 1-3, p.e215636, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto/article/view/215636>. Acesso em: 04 fev. 2025.

GALHEIGO, S. M. Narrativas contemporâneas: significado, diversidade e contexto. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 1, p. 8-12, jan./abr. 2009.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LIMA, E. M. F. A.; MACHADO, A. M.; INFORSATO, E. A. A escrita como agenciamento: explorando linhas de minoração. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 25, n. 47, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://revista.uemg.br/educacaoemfoco/article/view/6909>. Acesso em: 04 fev. 2025.

LIMA, E. A.; ARAGON, L. E. Agenciamento coletivo de clínica: conceitos se fazendo nos encontros. *In*: LIMA, E. A.; FERREIRA NETO, J. L.; ARAGON, L. E. (org.). **Subjetividade contemporânea**: desafios teóricos e metodológicos. Curitiba: CRV, 2010, p. 129-148.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. Por uma política da narratividade. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pista do método cartográfico**: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade. Porto Alegre: Sulina; 2009, p. 150-171.

RIVERA, T. **Lugares do delírio**: arte e expressão, loucura e política. São Paulo: N-1 edições; Ed. SESC SP, 2023.

SILVA, J. A. **Políticas do encontro e as forças selvagens na clínica infantojuvenil**. 2018. 170f. Tese (Doutorado em Psicologia e Sociedade) – UNESP, Assis, 2018.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Rev. Instit. Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

Sobre as autoras

Erika Alvarez Inforsato: docente no departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, trabalha no Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, no Programa de Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social - MPTO-FMUSP e no Programa de Pós-Graduação Interunidades Estética e História da Arte do Museu de Arte Contemporânea - PGEHA-MAC-USP. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Produção de subjetividade, Arte, Corpo e Terapia Ocupacional - PACTO-USP e membro da Equipe de coordenação da Cia Teatral Ueinzz.

E-mail: erikainforsato@usp.br

Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima: docente no departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, trabalha no Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, no Programa de Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e

Processos de Inclusão Social - MPTO-FMUSP e no Programa de Pós-Graduação Interunidades Estética e História da Arte do Museu de Arte Contemporânea - PGEHA-MAC-USP. É coordenadora do Grupo de Pesquisa Produção de subjetividade, Arte, Corpo e Terapia Ocupacional - PACTO-USP.

E-mail: beth.lima@usp.br

Natália Machado Cunha: graduada em Terapia Ocupacional (Universidade Federal de Minas Gerais), com especialização em Terapia Ocupacional: Campos de Intervenção e Perspectivas de Inovações da Prática (Universidade de São Paulo), é mestranda pelo Programa de Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social (Universidade de São Paulo). Tem experiência em Saúde Mental e no acompanhamento de mulheres em seus ciclos gravídicos- puerperais, com pesquisa nos temas Terapia Ocupacional, arranjos do parto e produção de subjetividade.

E-mail: cunhanatalia@usp.br

Nicole Guimarães Cordone: graduada em Terapia Ocupacional (Universidade de São Paulo), é mestranda pelo Programa de Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social (Universidade de São Paulo). Fez residência multiprofissional em Saúde Mental (Universidade Estadual de Campinas) e Pós Graduação em Teatro do Oprimido e Processos Grupais na Psicologia Social (FACON). Tem experiência nas áreas de saúde mental, atenção psicossocial, atenção básica à saúde e interface entre arte e saúde, com pesquisa nos seguintes temas: Terapia Ocupacional e Teatro do Oprimido.

E-mail: nicole.cordone@usp.br

Juliana Haruko Tobar de França: graduada em Terapia Ocupacional (Universidade de São Paulo), é mestranda em Terapia Ocupacional pelo Programa de Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social (Universidade de São Paulo). Concluiu o Aprimoramento Multiprofissional em Saúde Mental (CAPS Itapeva - SP) Tem experiência na área de saúde mental infante juvenil e adulto, saúde coletiva, atenção psicossocial e atenção básica à saúde, com pesquisa nos seguintes temas: saúde mental e práticas em Terapia Ocupacional a mães em conflitos com o campo social.

E-mail: juliana.haruko@gmail.com

Olívia Isshiki de Rezende: graduada em Terapia Ocupacional (Universidade de São Paulo), é mestranda pelo Programa de Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social (Universidade de São Paulo). Fez o Programa de Aprimoramento Profissional em Saúde Mental Infantojuvenil (Universidade Estadual de São Paulo) e formação pelo Laboratório do Processo Formativo (Regina Favre). Tem experiência nas áreas de saúde mental, atenção hospitalar, atenção básica a saúde e acompanhamento terapêutico, com pesquisa nos seguintes temas: Terapia Ocupacional e Infância.

E-mail: isshikirezende@gmail.com

Kely Kanazawa: graduada em Terapia Ocupacional (Universidade de São Paulo) e em Filosofia (Universidade de São Paulo), é mestranda em Terapia Ocupacional pelo Programa de Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social (Universidade de São Paulo). Tem experiência na área de saúde mental, saúde coletiva, atenção psicossocial, atenção básica a saúde, com pesquisa nos seguintes temas: saúde mental, SUS, práticas do cuidado, interface entre saúde e filosofia.

E-mail: kelykanazawa@gmail.com

Recebido em: 06 fev. 2025

Aprovado em: 10 jul. 2025